



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/no-lugar-do-outro/>

“NO LUGAR DO OUTRO”, uma carta para Claudia Andujar

Fabíola Fonseca¹

RESUMO: este ensaio é um passeio com Claudia Andujar, que durante muito tempo compartilhou suas vidas com os yanomamis. Durante esse período, Claudia fotografou momentos com eles, se deixou permear ao adentrar novas terras. Como estrangeira, buscava ali composições com seus novos amigos. Claudia fotografou, ganhou confiança, fez amizade. Hoje, as diversas comunidades indígenas estão ameaçadas pela contaminação por mercúrio. No relatório recente da Fiocruz, vários rios, peixes, mamíferos e aves estão contaminados. Entre a população indígena, há 100% de contaminação no sangue em algumas comunidades, sendo que o mercúrio atinge índices tão altos a ponto de serem detectados nos cabelos. Mulheres indígenas relatam seus medos com a maternidade diante da iminência do nascimento de um bebê contaminado. Levantamos discussões sobre os refugiados climáticos como aqueles que precisam ficar no local por não terem pra onde ir. Assim, questionamos o lugar do outro, enquanto estrangeiros que percorrem os caminhos com as fotografias de Claudia e as informações da crescente contaminação por mercúrio na Amazônia, na esperança que as palavras inspiradas por Cláudia e Davi ganhem novos contornos ao encontro de novas relações.

Palavra-chave: contaminação por mercúrio, yanomamis, mudanças climáticas

“In the place of other”, a letter to Cláudia Andujar

ABSTRACT: this essay is a walk with Claudia Andujar, who for a long time shared her lives with the Yanomami. During this period, Claudia photographed moments with them, allowing herself to be permeated by entering new lands. As a foreigner, she sought compositions there with her new friends. Claudia photographed, gained trust, made friends. Today, the diverse indigenous communities are threatened by mercury

¹ Doutora em Educação, Pós-doutoranda em educação na Unicamp. Bolsista Capes. Email: fabiolasimoes@unicamp.br



contamination. In the recent FioCruz report, several rivers, fish, mammals and birds are contaminated. Among the indigenous population, there is 100% contamination in the blood in some communities, with mercury reaching such high levels as to be detected in the hair. Indigenous women report their fears with motherhood in the face of the imminence of the birth of a contaminated baby. We raised discussions about climate refugees like those who need to stay in place because they have nowhere to go. Thus, we question the place of the other, as foreigners who travel the paths with Claudia's photographs and information on the growing mercury contamination in the Amazon, in the hope that the words inspired by Cláudia and Davi will gain new contours to meet new relationships.

Keywords: Mercury contamination, yanomamis, climate change

Tenho passeado pelas tuas fotos que foram publicadas em um lindo livro chamado “No lugar do outro”. Encontrei vestígios deixados por você, uma mulher, fotógrafa, refugiada, estrangeira, nascida na Hungria, que viveu todo o nazismo de um povo, encarou o olhar do outro alcançar o seu corpo de criança considerada judia; atravessou a morte do pai, um judeu vítima das atrocidades dos campos de concentração; e fugiu com a mãe e chegou aos Estados Unidos, precisamente em Nova Iorque, com a ajuda de um tio.

Talvez nessas andanças você tenha se tornado estrangeira, acostumada ao ato de sentir como quem nunca está familiarizada com as coisas, como quem pisa ali naquela terra pela primeira vez e busca, de alguma forma, produzir intimidade com aquele chão. Ou talvez como quem tenta encontrar uma porta para entrar nesses mundos dos quais passa a fazer parte diante de uma quase morte ou apagamento dos teus passos.

As tuas fotos dizem sobre teus sentimentos, isso de se colocar no lugar do outro não como uma ação de empatia. Acho muito pouco provável que você acredite nessa palavra que se embebe em toda uma cultura hegemônica e nos impõem um sentimento de fracasso na tentativa. O lugar do outro é sempre inalcançável. O lugar



do outro, por uma ética ao outro, não se ocupa nem se chega. Ao menos é isso que vejo nas tuas fotos, uma proximidade, um algo que atravessa ali e que instaura um estranhamento. É como se as fotos nos conjugasse ao outro, como se as existências fossem intensificadas por esse encontro.

O lugar do outro parece ser esse lugar de conjugação, sempre inalcançável.

As tuas fotos despertam nossos olhares estrangeiros, talvez porque esse olhar tenha movimentado também teus passos. Então me deparo com uma frase tua, dada em uma entrevista, ao falar do teu marido, o Júlio Andujar, disseste: “Eu me casei com ele porque estava sozinha”. O Júlio também era um refugiado que chegou aos Estados Unidos fugindo com a mãe da guerra espanhola. A mãe dele deixou nascer dentro dela um amor enorme por você, ficou triste quando Júlio se alistou na guerra e passou dois anos na Ásia. Ficou triste também porque o amor entre você e o Júlio sucumbiu ao abismo que as guerras fazem existir, e o que restou foi a separação. Imagino os olhares trocados, o silêncio de vocês duas e não consigo entender essa movimentação que as guerras produzem.

Aprendi contigo e com Marguerite Duras que aqueles que são estrangeiros ou andarilhos carregam consigo uma solidão. Em você, a solidão faz parte das fotografias, em Marguerite, da escrita. Ela diz: “Viver assim, como digo que vivia, nessa solidão, por um longo tempo, implica riscos. É inevitável. Desde o momento em que o ser humano se vê sozinho, ele oscila para o desatino. Acredito nisto: acredito que a pessoa entregue a si mesma já esteja tocada pela loucura, porque nada a detém quando surge um delírio pessoal” (p. 48).

Acho que um dos pontos fortes é que solidão para vocês, não implica em estar só, mas em buscar vida para atravessar o caos com os sentimentos do mundo. E é preciso



silêncio para sentir os sentimentos do mundo. A solidão é povoada, como nos diriam Deleuze e Guattari (2012), é criadora porque nos gritam devires animais, vegetais, minerais, imperceptíveis. E por isso que no parágrafo que sucede esse supracitado, ela escreve: “Nunca se está só. Nunca se está fisicamente só. Em lugar nenhum. Sempre se está em algum lugar” (p. 48). Esse lugar para você, talvez seja o lugar que você chama do outro. É o outro que desperta em nós esses estrangeirismos, nos apresentam terras despovoadas, moventes.

Gosto muito dos vestígios que deixaste da tua vida com os Yanomamis, iniciada na década de 1970. Gosto da forma como você foi deixando teus pés pisarem nessas terras estrangeiras, como isso se tornou potente e como você, a andarilha-estrangeira, conseguiu intimidade com o povo Yanomani. É um lugar do outro, inalcançável, mas que também passou a ser o teu lugar. Ali é teu lugar. O encontro com Davi Kopenawa parece ter acendido muito do que te habitava e do que passou a te habitar com esse encontro, como se tuas forças, teus ímpetos, tuas inquietudes e teu sentir estrangeira ganhassem intensidade por vocês e com vocês.

Estou comprando teu livro com os yanomamis para presentear uma amiga. É lindo, os momentos, as luzes que encontram tuas fotos da floresta, do fogo, dos rituais, dos banhos de rio das crianças, dos sorrisos e tristezas, a força com que uma barriga que carrega uma vida redistribui a luz em uma foto. O teu lugar é permeado por intensidades. A poética das tuas fotos inventadas com o infravermelho, na época usado para prospectar o solo em busca de minérios, dão uma sensação de transe, dos xapiris, os espíritos indígenas que ajudam a sustentar a queda do céu. O que eles usavam para achar metais, você usava para intensificar a experiência com as fotos.

Eu percebo que o teu gesto de fotografar criou uma outra existência para você, mas não é só isso. É também pela forma como o Davi te olha, como aparecem nas fotos com teus amigos, como você encontrou ali uma terra para colocar teus pés. Acho que



isso te moveu e imagino como o genocídio yanomami te atravessou também. A tua obra *Genocídio Yanomani* (1989) é dilacerante.

É preciso que eu diga aqui o que todo mundo já sabe: a década de 1970 foi vivida sob a égide de um governo militar, duros anos, uma verdadeira guerra travada contra o povo Yanomami que teve suas terras invadidas e cortadas por rodovias em nome de um suposto progresso. Um aumento considerável da violência, exploração sexual, epidemias, assassinatos com aquele programa do governo que propunha o desenvolvimento da Amazônia – chamada por eles de terra verde vazia. Aos olhos daquele governo, desenvolver tinha (e continua tendo) o mesmo significado que Isabelle Stengers (2015) tanto critica, balizado pelo entendimento de uma lógica hegemônica que se sustenta pela lógica axiomática do lucro. Desenvolver era abrir as terras indígenas para a exploração dos recursos naturais, rasgar a pele da terra em uma provocação aos espíritos da floresta.

O Davi fala que “a floresta é a carne e a pele de nossa terra, que é o dorso do antigo céu Hutukara caído no primeiro tempo” (p. 357). Ele fala do esforço que as comunidades indígenas fazem para sustentar o céu, evitar que caia sob todos nós e nos esmague. E ele fala também das ignorâncias feitas para se conseguir os metais que foram postos embaixo da terra pelos espíritos indígenas, como forma de nos manter longe do que ele poderia causar: a febre do ouro.

O ouro, quando ainda é como uma pedra, é um ser vivo. Só morre quando é derretido no fogo, quando seu sangue evapora nas grandes panelas das fábricas dos brancos. Aí, ao morrer, deixa escapar o perigoso calor do seu sopro, que chamamos de oru a wakixi, a fumaça do ouro [...]. Esses vapores, quentes, densos e amarelados como gasolina, colam no cabelo, nas roupas. Entram nos olhos e invadem o peito. É um veneno que suja o corpo dos brancos das cidades, sem que o saibam. Depois, como



toda essa fumaça maléfica flui para longe e, quando chega até a floresta, rasga nossas gargantas e devora nossos pulmões (KOPENAWA, 2015, p. 362-363).

O garimpo ilegal tem aumentado em terras indígenas, sobretudo pela valorização que o ouro teve no mercado no começo de 2020. Arrancá-lo da terra causa uma devastação social e ambiental sem precedentes. Rasgam-na, secam os rios, fazem os peixes mortos. “Se os brancos de hoje conseguirem arrancá-lo [o ouro] com suas bombas e grandes máquinas, do mesmo modo que abriram a estrada em nossa floresta, a terra se rasgará e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo” (KOPENAWA, 2015, p. 359). Junto com as feridas provocadas na terra aparecem também as epidemias, as doenças, a cegueira. Um rastro irrecuperável.

Entre esses rastros, a contaminação por mercúrio tem entristecido e já é um enorme problema na região. A mesma tristeza que invadiu o teu amigo Eugenie Smith quando fotografava a população de Minamata, no Japão, contaminada por mercúrio. “Senti nele uma grande decepção com o mundo, um grande sofrimento”, foi o que você respondeu em uma entrevista. O mercúrio é usado no processo de retirar o ouro das rochas por aderirem a esse metal, formarem um amálgama e que se separam quando aquecidos. O mercúrio evapora e o ouro fica. Junto com esse ouro ficam também os rios assoreados pelas dragas e contaminados pelo metal, que por sua vez vai para a cadeia alimentar contaminando peixes e outros animais que bebem daquela água. Um ecossistema inteiro alterado, destruído.

As populações indígenas e ribeirinhas enfrentam as consequências dessa febre do ouro. Com tanta contaminação, a água e as terras estão se tornando impróprias para o consumo e plantio, a fome assombra, as doenças entram nos corpos. A fumaça amarela desperta os maus espíritos da floresta que Omana fez dormir, que os xapiris combatem com todas as suas forças e que vocês fazem danças para evitar a queda do céu.



Hoje esse mesmo problema da contaminação por mercúrio alcança números recordes na população indígena da Amazônia. De acordo com o último relatório da Fiocruz feito em 2020, tem rios que tiveram as amostras de peixes coletadas com 100% de contaminação; algumas comunidades indígenas apresentam altos níveis de mercúrio no sangue e nos fios de cabelo; mamíferos e aves também apresentam concentrações elevadas no sangue. A insegurança alimentar assola e as águas, agora contaminadas, assombram; a ocorrência de eventos extremos de chuvas e secas prolongadas têm dificultado as plantações. Para onde ir? As mulheres têm relatado seus medos de engravidarem por saberem que as altas taxas de contaminação afetam os bebês. Ali o mercúrio se espalha, de rio em rio, entre os corpos. As máquinas do tipo draga causam o assoreamento dos rios e tudo muda. As terras passam a funcionar em um novo regime e as populações mais vulneráveis têm sofrido com isso.

“Nossos mortos já são muito mais numerosos no dorso do céu do que nós, vivos, na floresta. Nem o dinheiro nem as mercadorias dos brancos os farão descer de novo entre nós! E a floresta devastada tampouco poderá ser curada, fica ferida e doente para sempre” (KOPENAWA, 2015, p. 366). Nas palavras do teu amigo, um clamor para olhar o lugar do outro, das outras espécies e dos outros seres. É preciso colocar na mesa a necessidade urgente da criação de outras relações.

Nas tuas fotos, uma urgência: um lugar do outro, pinturas na pele, histórias para contar, coisas da amizade. Talvez essa possa ser uma forma de compreender o lugar do outro que também nos habita por todo movimento que é capaz de provocar. O lugar do outro é o do estrangeiro, no meio, no entre, no algo que passa. Nas travessias que você fez, o outro sempre esteve contigo, talvez porque o outro seja você mesma e você é todo mundo.

Recebido em: 30/03/2022



Aceito em: 30/04/2022

Bibliografia

MARGUERITE, Duras. Escrever. Relicário editora: Belo Horizonte, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Editora 34, 2012..

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

FIO CRUZ. Relatório. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-contaminacao-por-mercúrio-entre-o-povo-indigena-munduruku>. Acessado em: 20 de março de 2022.

Agradecimento: CAPES.

Para Lala, com quem compartilho que o lugar do outro é inalcançável.